

Atividade: Comunicação Oral

CONTROLE POR REGRAS E BAIXA VARIABILIDADE COMPORTAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO PELA TERAPIA DE CONTINGÊNCIAS DE REFORÇAMENTO (TCR)

ANA AMÉLIA DE SOUZA PEREIRA PISKE; Felipe de Carvalho Pimentel

FAESA

Ao manejar contingências em seu trabalho clínico, o psicoterapeuta deve estar preparado para as mais diversas demandas, privilegiando a compreensão do múltiplo processo de variação e seleção dos comportamentos apresentados pelo cliente. Comportamentos operantes são selecionados via reforço e punição, independentemente de serem governados por regras ou modelados por contingências. Aqui, porém, o foco será o controle por regras e seu impacto na variabilidade comportamental. Tereza (31) nasceu de um relacionamento extraconjugal, e só conheceu a família do pai e os irmãos aos oito anos, após o falecimento da primeira esposa. O pai sempre foi rígido, exercendo constante controle coercitivo. A mãe, embora afetuosa, também inibiu a liberdade da filha por meio da superproteção. Apesar da formação pouco convencional da família, a criação de Tereza pode ser considerada conservadora. Passeios com as amigas eram monitorados, e um simples beijo nas novelas já era motivo de censura e constrangimento em casa. As motivações da cliente para buscar psicoterapia foram o medo de não realizar e seu sonho de se casar e ter filhos e os conflitos existentes na relação com o pai. Tereza relatou ser uma pessoa ansiosa e com muitos medos. Descrevia não gostar de sair sozinha e ter muito medo de perder seus pais, principalmente porque não conseguiu formar a própria família. Ao expressar opiniões e pontos de vista, sua fala constantemente era iniciada com *“meu pai/minha mãe sempre disse que...”*, indicando forte controle por regras e baixa discriminação de contingências de reforçamento (CR). Contou que, dado o conservadorismo ao qual foi exposta, nunca se sentiu à vontade para conversar sobre sexo com ninguém. Conversando mais sobre sexualidade, tornou-se evidente o desconforto da cliente, bem como uma grande lacuna no conhecimento do próprio corpo e do ato sexual. Diante da queixa apresentada pela cliente e dos demais déficits e excessos identificados, os principais objetivos terapêuticos estabelecidos foram a redução do controle por regras, aumento da variabilidade comportamental, desenvolvimento de habilidades de paquera e ampliação do repertório sexual. Visando reduzir o controle por regras, usou-se uma estratégia paradoxal, que foi a criação de uma nova regra: regras devem ser questionadas. Através da descrição de uma nova regra por parte da terapeuta, a cliente foi conduzida a questionar a importância e a veracidade das regras que a controlam. Após a validade da regra ser colocada em xeque, a cliente foi levada a experimentar novos contextos. Além do reforço arbitrário disponibilizado pela terapeuta através de elogios, a exposição às novas contingências também permitiu que a cliente entrasse em contato com os reforçadores naturais produzidos pelas, aumentando assim a probabilidade de que esse comportamento se repetisse. Desse modo, a cliente passou a aceitar mais convites para sair, iniciou aulas de idioma, passou a praticar pilates e está se preparando para um novo concurso. Foi com relação à sexualidade que os avanços foram mais marcantes. A



psicoeducação e a exposição a conteúdos como textos, fotos e vídeos foram as principais estratégias utilizadas para a ampliação do conhecimento acerca do ato sexual e da anatomia do corpo masculino e feminino. Os resultados observados foram que a cliente passou a se sentir muito mais confortável frente ao tema e, ainda que não tenha tido relações sexuais, em troca de mensagens com um rapaz expressou claramente seu interesse. Alguns fragmentos transcritos de falas da cliente pré e pós-intervenção serão apresentados para ressaltar seus avanços clínicos.

Palavras-chave: Terapia por Contingências de Reforçamento (TCR); Controle coercitivo; Comportamento governado por regras; Sexualidade.